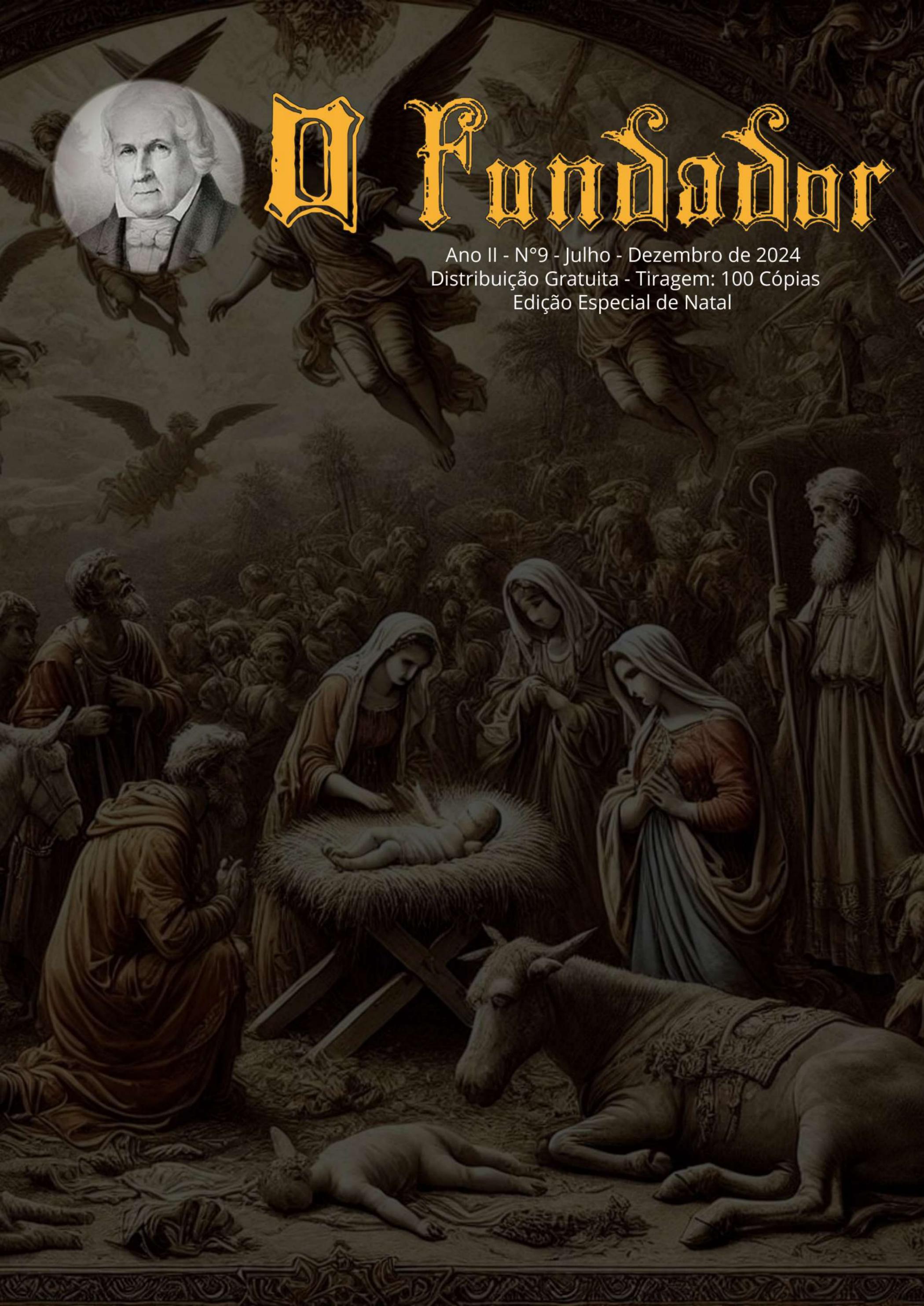


O Fundador

Ano II - Nº9 - Julho - Dezembro de 2024
Distribuição Gratuita - Tiragem: 100 Cópias
Edição Especial de Natal





Seguimos apresentando, nesta edição (em continuidade à oitava edição), a continuação da Carta de Dom Luiz de Orleans e Bragança aos deputados constituintes que promulgaram nossa atual Carta Magna. Fora graças a essa manifestação de do Chefe da Casa Imperial do Brasil que nós, monarquista e simpatizantes da causa monárquica no Brasil, saímos da margem da criminalidade, ao ser derrubada a cláusula pétrea que criminalizava a manifestação monárquica no Brasil. Assim, devemos muito ao nosso saudoso Imperador de Jure!

Segue continuação da íntegra de parte da carta.

“São Paulo, 7 de setembro de 1987

[...]

O “PRÍNCIPE PERFEITO”: INTENSO ANELO DE VISITAR O BRASIL

Meu avô, o Príncipe D. Luiz de Orleans e Bragança, apesar de já casado e pai de três filhos, serviu nas linhas avançadas da frente belga, participou ativamente de diversas batalhas e veio a falecer, em março de 1920, com apenas 42 anos de idade, em consequência de um reumatismo ósseo contraído nas trincheiras do Yser. Por seu desempenho heroico foi citado em ordem do dia do Exército francês e condecorado, a título póstumo, pela França, pela Bélgica e pela Inglaterra.

Durante as operações bélicas, frequentemente ia, a serviço, ao quartel general de seu primo, Alberto I, o Rei dos Belgas. Nas conversas que então com este mantinha, mostrava meu avô um tão alto espírito cívico e patriótico, que “o Rei Cavaleiro” – como era chamado Alberto I – dele disse ser o mais perfeito Príncipe da Europa. Daí ficar ele conhecido, no Brasil, como “o Príncipe Perfeito”.

Já antes da Guerra, em 1907, seu zelo patriótico se manifestara durante a malograda viagem ao Brasil, empreendida com a esperança de visitar a nossa Pátria. Impedido de desembarcar no Rio de Janeiro pelo governo Affonso Pena – que se baseou em parecer de Ruy Barbosa –, meu avô recebeu a bordo incontáveis visitas de brasileiros, e pôde novamente contemplar, saudoso, o panorama incomparável da baía de Guanabara, o qual haveria de descrever nas páginas emocionantes de “Sob o Cruzeiro do Sul”.

Tal foi a repercussão que teve em nosso País esse livro, que seu autor chegou a ser candidato à vaga aberta na Academia Brasileira de Letras pela morte do Almirante Barão de Jaceguai. E apesar do insuspeito voto favorável de Ruy Barbosa, em razão de circunstâncias políticas, sua eleição não se concretizou.

Frustrada assim a razão principal da viagem, prosseguiu meu avô seu peregrinar por outros países da América do Sul – Argentina, Chile, Peru, Bolívia, Paraguai e Uruguai – com o seu coração e o melhor de suas atenções permanentemente voltados para as fronteiras do Brasil. E não encontrou sossego senão quando, devendo deslocar-se de Puerto Suárez, na Bolívia, à localidade paraguaia de Bahia Negra, conseguiu licença para percorrer uma parte do rio Paraguai que atravessava o território mato-grossense. A licença, porém, foi-lhe concedida com o prévio compromisso de honra de não tomar vapor que arvorasse a bandeira nacional, e de não desembarcar em solo pátrio. Com dor de alma, meu avô cumpriu conscienciosamente ambas as condições.

Quanto a seu irmão mais moço, o Príncipe D. Antonio, também ele faleceu ainda em serviço militar, num avião caído perto de Londres, ao final do conflito.

VISÃO MONÁRQUICA



Um dos assuntos de grande interesse e impacto para o desenvolvimento real dos povos é, justamente, sobre a organização social e política dos mesmos. Assim, de modo geral, consideram-se a monarquia e a república como formas de governo, e, o parlamentarismo e o presidencialismo, como sistemas de governo.

Abordaremos, aqui, sobre a monarquia.

De antemão, podemos deslindar que a monarquia no Brasil, ainda que se tenha tornado, para muitos, algo do passado, apenas para registro nos livros de História, somente para contar história, vai muito além das páginas de um livro.

Os livros de História, embora devessem nos mostrar a verdadeira realidade, o espetacular momento de grandes conquistas e avanços que alavancaram este imenso país, dantes denominado Terra de Santa Cruz, acabam por obscurecer e até mesmo desdenhar deste passado um tanto quanto promissor, não fosse o golpe militar republicano de 1889, o qual, diga-se de passagem, não contou com o apoio do povo.

E, até nos dias de hoje, sabemos que esse conceito monárquico continua a exercer influência sobre uma parte significativa da sociedade, refletindo um aspecto peculiar da história do país e o papel não somente simbólico, mas também atuante que a figura do monarca ainda representa para muitos brasileiros.

Diante desse cenário, tenho a avidez de me declarar monarquista convicto e, certo dos interesses restauradores do mesmo, no que concerne à educação, à economia, à cultura, aos valores religiosos, e, também, na área das ciências, da infraestrutura, da política externa, dentre outros. Pois, como patriotas devemos almejar aquilo que poderá contribuir e agregar para o bem de toda a nação e não somente a um público restrito.

Portanto, a monarquia, com a Família Imperial, é símbolo e exemplo na qual a sociedade deve se espelhar, com a maestria da sua hierarquia, e o Imperador como o pai de toda a nação, visando um país mais estável e cumpridor de sua vocação primordial, exemplo para outros povos.

Ademais, conservo-me monarquista, entre outros elementos, pelo simples motivo de que a república se mostrou fracassada; “não tem um brasileiro que diga de boca cheia que a república deu certo”, afirma nosso Imperador de direito, Dom Bertrand.

Desse modo, a restauração monárquica não se trata de “um sonho de uma noite de verão”, mas a monarquia é algo plausível, tratando-se de um elo entre o que foi o passado e o que será o futuro, uma ponte que busque consertar a Pátria, fundindo pedra por pedra, mesmo que delongue, mas algo que as gerações futuras poderão desfrutar.

Enfim, cabe ressaltar, também, a questão do problema socioeconômico: para que uma nação floresça, são necessários três princípios básicos: o da livre iniciativa, o da propriedade privada e o princípio da subsidiariedade, algo que, indubitavelmente, entre tantas outras questões, o sistema da monarquia parlamentarista pode proporcionar e assegurar.



Por: Carlos Antonio de Oliveira Costa, Graduando em Teologia e Sócio Colaborador do Círculo Monárquico de Caieiras

MONARQUISTAS EM CAIEIRAS E PELO BRASIL



Fotos 1 e 2: O Chanceler (Vinicius Valtriani D'Ellago) e o Secretário Geral (Samir Oliveira Silva) do Círculo Monárquico de Caieiras estiveram presentes ao XXXIV Encontro Monárquico Nacional, realizado no último 13/07, realizado no Centro Universitário Católico Ítalo-Brasileiro, no bairro de Santo Amaro, Zona Sul da capital Paulista.



Foto 3: No último dia 7 de setembro estiveram reunidos membros conselheiros e simpatizantes do Círculo Monárquico de Caieiras para confraternização dos 3 anos de fundação do mesmo Círculo, na cidade de Caieiras, na residência do Chanceler, o Sr. Vinicius Valtriani D'Ellago, às antevésperas da data dos três anos de fundação.



Fotos 4, 5 e 6: No passado 9 de setembro, data em que comemorou-se os três anos de fundação do Círculo Monárquico Dom Luiz, o Príncipe Fidelíssimo – Caieiras, o Chanceler (Vincius Valtriani D'Ellago), o Vice-Chanceler (Pietro Dártora Godoy) e o Sócio Colaborador (Gustavo de Paiva Nascimento) desta mesma associação estiveram presentes à sede do Pró Monarquia, secretariado da Casa Imperial do Brasil, a fim de comemorar junto do Chefe da Casa Imperial do Brasil, S.A.I.R. Dom Bertrand de Orleans e Bragança, tal data.



Foto 7: No último dia 3 de novembro o Círculo Monárquico de Caieiras fez sua primeira reunião pública, na Concha Acústica de Caieiras, a fim de conversar, estreitar laços e debater o Brasil e a importância do movimento monárquico nacional para nosso país.



Fotos 7 e 8: No ido dia 8 de novembro, faleceu no Rio de Janeiro S.A.I.R. o Senhor Dom Antonio de Orleans e Bragança, Príncipe Imperial do Brasil, após longa enfermidade. Nas fotos, o corpo de Dom Antonio é velado com honras militares, e ladeado por seus três filhos: S.A.I.R. Dom Rafael de Orleans e Bragança, Príncipe imperial do Brasil; S.A.R. Dona Maria Gabriela de Orleans e Bragança, Princesa do Brasil; e S.A.R. Dona Amélia de Orleans e Bragança, Princesa do Brasil e Princesa de Orleans e Bragança.

Fotos 9 e 10: No passado 14 de novembro fez-se celebrar em São Paulo, Rio de Janeiro e demais Estados do Brasil missas de sétimo dia pelo descanso de Dom Antonio de Orleans e Bragança. Nas fotos, missa celebrada pelo Reverendo Padre Thiago Fragoso, sob os auspícios de S.A.I.R. Dom Bertrand de Orleans e Bragança, na Paróquia Nossa Senhora do Brasil, na capital Paulista; e, também, o Chanceler do CM-C saudando Dom Bertrand e demais Príncipes e membros da Família imperial Brasileira, manifestando suas condolências.



DIÁRIO MONARQUISTA



Por ocasião do falecimento de S.A.I.R. Dom Antonio De Orleans e Bragança, Príncipe Imperial Do Brasil (1950-2024), apresentamos aos nossos leitores, como forma de homenagem ao Príncipe, o obituário de Sua Alteza.

Sua Alteza Imperial e Real o Senhor Dom Antonio João Maria José Jorge Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança, Príncipe Imperial do Brasil, Príncipe do Brasil, Príncipe de Orleans e Bragança, falecido nesta sexta-feira, 8 de novembro, no Rio de Janeiro, aos 74 anos de idade, após longa enfermidade e confortado com os Sacramentos da Santa Igreja, era o imediato sucessor dinástico do irmão, o Príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil.

Nasceu a 24 de junho de 1950, no Rio de Janeiro, e era filho do Príncipe Dom Pedro Henrique de Orleans e Bragança, Chefe da Casa Imperial do Brasil, e da Princesa Dona Maria da Baviera.

Em 1951, a Família Imperial Brasileira se mudou para a Fazenda São José, em Jacarezinho, Paraná; em 1957, para a Fazenda Santa Maria, em Jundiá do Sul, também no Paraná; e, em 1965, para o Sítio Santa Maria, em Vassouras, Rio de Janeiro.

Dom Antonio estudou nos Colégios Cristo Rei, em Jacarezinho, e Vassouras, em Vassouras. Em 1976, formou-se pela Faculdade de Engenharia Civil da Universidade de Barra do Piraí (atual Centro Universitário Geraldo di Biasi), no Rio de Janeiro.

Trabalhou como engenheiro civil na Construtora Adolpho Lindenberg e na Nuclebrás Engenharia S.A. (atual Eletrobrás Eletronuclear). Também trabalhou na Assessoria da Presidência da Varig Agropecuária S.A. e na área comercial de diferentes divisões do Grupo Belgo-Mineira.

Como aquarelista, pintou mais de 600 aquarelas, retratando a natureza brasileira e arquitetura tradicional do Brasil e Europa. Suas obras estão expostas nas principais capitais e cidades brasileiras e europeias.

Além de português, falava francês e entendia alemão e inglês.

Casou a 26 de setembro de 1981, na Igreja São Pedro, em Beloeil, Bélgica, com a Princesa Dona Christine de Ligne. O celebrante, o Núncio Apostólico em Bruxelas, Monsenhor Eugenio Cardinale, transmitiu aos noivos a bênção pessoal do Papa São João Paulo II.

Tiveram quatro filhos – o Príncipe Dom Pedro Luiz de Orleans e Bragança, nascido a 12 de janeiro de 1983 e falecido a 1º de junho de 2009; a Princesa Dona Amélia de Orleans e Bragança, nascida a 15 de março de 1984; o Príncipe Imperial do Brasil, Dom Rafael de Orleans e Bragança, nascido a 24 de abril de 1986; e a Princesa Dona Maria Gabriela de Orleans e Bragança, nascida a 8 de junho de 1989 – e dois netos – Joaquim e Nicholas Spearman, filhos de Dona Amélia e do marido, James Spearman.

Em 2015, mudaram-se de Petrópolis, Rio de Janeiro, para a capital fluminense.

Com a ascensão de Dom Bertrand à Chefia da Casa Imperial, a 15 de julho de 2022, Dom Antonio se tornou Príncipe Imperial.

Viajava pelo Brasil, participando de Encontros Monárquicos e outros eventos, defendendo a Restauração da Monarquia e falando de questões históricas e sociais.

Também representava a Família Imperial em solenidades oficiais e semioficiais no Brasil e Europa, além de visitar cidades, escolas, universidades e outras instituições.

Jogava golfe e gostava de futebol, torcendo pelo Fluminense Football Club, do Rio de Janeiro. Também lia livros e assistia a documentários sobre Religião e História.

Como Príncipe Imperial, era Comendador-Mor das Imperiais Ordens de Nosso Senhor Jesus Cristo, de São Bento de Avis e de Santiago da Espada; Grã-Cruz e Grande-Dignitário-Mor da Imperial Ordem da Rosa; e Grã-Cruz da Imperial Ordem de Pedro I.

Era também Cavaleiro de Honra e Devoção da Ordem Soberana e Militar Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta (Ordem de Malta); Grã-Cruz da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém (Santa Sé); e Grã-Cruz da Sagrada e Militar Ordem Constantiniana de São Jorge (Casa Real das Duas Sicílias).

Fonte: Facebook do Pró Monarquia:



RESTAURARE



A REALEZA DO MENINO DEUS

Uma das celebrações do Cristianismo (do qual fomos forjados enquanto civilização) que expressam, com distinta clareza, a noção de serviço da Realeza é o Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O Divino Infante, o “Príncipe da Paz” (cf. Is 9, 5), encarnado na humanidade sem, no entanto, abandonar sua divindade, se fez um humilde bebê, posto sobre uma manjedoura, cercado por animais de um estábulo. Não em berço de ouro, num requintado palácio, mas num local servil.

Junto a seus pais, o Justo São José e a Beatíssima Virgem Maria (descendentes de Davi), fez-Se homem para dar pleno cumprimento à voz do profeta: "Uma virgem conceberá e dará à luz um filho, e o chamará 'Deus Conosco'"... (cf. Is 7, 14).

Mas, como não poderia ser diferente, toda a Criação ali estava para contemplar o Menino Deus e Menino Rei: os Reis Magos, representantes de todos os povos; os pastores, como servos do Divino Pastor; os animais do estábulo, representando as criaturas; seus Santos Pais, representando todos os Santos e todos os pais do mundo; a estrela do oriente, representando toda corte angelical. Enfim, o Soberano de toda Criação era adorado plenamente, apesar da ira dos maus.

Assim, o Natal representa aquilo que tem de mais belo e profundo na Monarquia: toda a Criação irmanada ao redor de seu Senhor, de Seu Pai, pois "Aquele que me viu, viu também o Pai." (cf. Jo 14, 9). Assim é a Monarquia, orgânica e cristã: uma grande família irmanada em torno de seu pai cívico, o Rei/Imperador, aspirando uma coisa em comum: a felicidade e o bem geral de seu lar, seu país.

A visão do Presépio, por sua vez, transborda para a realidade temporal aquilo que é a Realeza do Menino Deus: servil! Pois, o próprio Jesus dirá, mais tarde: “Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em redenção por muitos.” (cf. Mc 10, 45). Ora, tal exemplo supremo e perfeito deve ser a única inspiração para um monarca: servir!

Que o espírito do Natal, imbuído de todo sentimento cristão mais autêntico, sob as bênçãos do Menino Jesus, faça germinar em nossos corações este senso de unidade, serviço e busca do bem comum sob a guia da Divina Providência.

E, em meu nome próprio e de todo o Círculo Monárquico Dom Luiz, o Príncipe Fidelíssimo – Caieiras, desejo a todos os nossos simpatizantes, estendendo estes mesmos sentimentos a todos os monarquistas do Brasil: um santo Natal e um abençoado ano novo!



Por: Vinicius Valtriani D'Ellago
Professor e Chanceler do Círculo Monárquico de Caieiras

PRÉDICAS MAGISTRAIS



9. A MONARQUIA PARLAMENTAR E A "NOBREZA DA TERRA"

a) Os clãs eleitorais

A declaração de independência do Brasil, em 1822, trouxe consigo a implantação da monarquia parlamentar e, portanto, do regime eleitoral representativo. Transformava-se profundamente, desta maneira, o quadro político.

Dir-se-ia que, num enquadramento político tão profundamente transformado e não sendo os títulos do Império concedidos senão ocasionalmente e em carácter individual aos membros da "Nobreza da terra", esta se esvairia como uma reminiscência histórica já sem nexos com o presente.

Isso não aconteceu.

Diante de tais transformações a "Nobreza da terra" não se deixou ficar inerte. Pelo contrário, tratou de perpetuar o seu poder político nas novas condições criadas pela implantação de uma democracia coroada no Brasil.

No sistema democrático, o eleitorado é detentor de toda ou quase toda a soberania. Mania, pois, quem tenha influência sobre o eleitorado. Ora, excepto nalguma medida nos centros urbanos realmente importantes, a influência sobre o eleitorado pertencia aos senhores da terra. Assim, a maioria dos votos dependia da "Nobreza da terra", que o seu poder através dos partidos políticos, pois o partido vive da sua força eleitoral, a qual estava em mãos dos nobres da terra.

É pitoresca e inesperada a organização em que estes se constituíram para conservar o prestígio de outrora.

Ainda é Oliveira Vianna que nos informa: "Estes senhores rurais - até então dispersos e autônomos, na sua condição de pequenos autarcas - mostravam-se agora junto arregimentados... Estão agora solidarizados em dois grupos maciços, cada deles com um chefe ostensivo, com governo e autoridade em todo o município e a cujo mando todos obedecem... Estão todos eles unidos agora debaixo de uma legenda... São Conservadores ou Liberais".

Não é de surpreender que, sobretudo nas primeiras décadas do regime imperial, tenham ocorrido transformações dignas de nota nos quadros políticos do país. Oliveira Vianna assim as descreve:

"Chamamos a essas novas e pequenas estruturas locais, aqui surgidas no IV século, de clãs eleitorais. Porque são tanto clãs como os são os feudais e os parentais,... tendo a mesma estrutura, a mesma composição e a mesma finalidade que estes; apenas com uma base geográfica mais ampla - porque compreendendo todo o município, e não apenas a área restrita de cada feudo (engenho ou fazenda). Por sua vez, esses pequenos agrupamentos locais, depois de 1832, passaram a filiar-se a associações mais vastas, que são os Partidos Políticos, de base provincial primeiro e, depois, de nacional - o Partido Conservador e o Partido Liberal, com sede no centro do Império e tendo como chefes provinciais os Presidentes de Província".

OLIVEIRA, Plínio Corrêa. Nobreza e Elites Tradicionais Análogas nas Alocuções de Pio XII ao Patriciado e à Nobreza Romana. Porto, Civilização Editora, 1993. 1. ed. P. 195-196



@terramedia_docesartesanais



@andromedia.sites



@_7artes



Círculo Monárquico de Caieiras



@circulomonarquicocaieiras



Círculo Monárquico Dom Luiz, o Príncipe Fidelíssimo - Caieiras



Círculo Monárquico Dom Luiz - Caieiras



www.cmdluizpfcaieiras.com.br



Casa Imperial do Brasil



@promonarquia



Pró Monarquia



Pró Monarquia



www.monarquia.org.br

Ficha Técnica:

DIREÇÃO: Vinicius Valtriani D'Ellago

EDIÇÃO, ARTE E DIAGRAMAÇÃO: Samir Oliveira Silva

REVISÃO FINAL: Vinicius Valtriani D'Ellago e Samir Oliveira Silva

BENFEITOR DESTE FOLHETIM: **Leandro Santos**

Este folhetim é uma iniciativa e realização do Círculo Monárquico Dom Luiz, o Príncipe Fidelíssimo - Caieiras

ASSOCIAÇÃO PRIVADA CÍVICO-CULTURAL SEM FINS ECONÔMICOS